ESTUDOS EM BIOARQUEOLOGIA E ARQUEOTANATOLOGIA NO SÍTIO PEDRA DO CACHORRO, BUIQUE, PE Caracterização do sepultamento 3 (3.560 ± 30 AP)

BIOARCHAEOLOGY AND ARCHAEOETHANATOLOGY IN PEDRA DO CACHORRO, BUIQUE, PE Characterization of Burial 3 (3,560 ± 30 BP)

Ana Solari¹

anasolari74@gmail.com

Gabriela Martin¹

gabrielamartinavila@gmail.com

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva¹

sergiofsmilva@gmail.com

93

RESUMO

O texto apresenta resultados das análises do contexto arqueológico e perfil biológico do sepultamento 3, escavado no sítio pré-histórico Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco (3.560 ± 30 AP). A partir de uma aproximação arqueotanatológica, foram descritas a posição do corpo, disposição dos membros, orientação e tipo de deposição funerária. A reconstrução do perfil biológico possibilitou estimar sexo, idade, estatura e paleopatologias. Os dados mortuários foram comparados aos dos esqueletos da Lapa do Boquete e Malhador, Minas Gerais, pelas suas semelhanças. Hipoteticamente este sepultamento faz parte de um ciclo funerário caracterizado pelo uso sazonal de espaços funerários em destaque no Vale do Catimbau entre 3.560 e 730 anos AP.

Palavras-chave: Arqueotanatologia, Bioarqueologia, Sepultamentos humanos, Pedra do Cachorro, Pernambuco.

¹ Departamento de Arqueologia, UFPE.

ABSTRACT

The text presents results of the analysis of the archaeological context and biological profile of the burial 3, from Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco ($3,560 \pm 30$ BP). From an archaeothanatological approach, the position of the body, disposition of the limbs, orientation and type of funerary deposition were described. The reconstruction of the biological profile made it possible to estimate sex, age, height and paleopathologies. Funerary data were compared between skeletons of the Lapa do Boquete and Malhador, Minas Gerais, due to their similarities. This burial is hypothetically part of a funerary cycle characterized by the seasonal use of highlighted funerary spaces in the Catimbau Valley between 3,560 and 730 years BP.

Keywords: Archaeothanatology, Bioarchaeology, Human Burials, Pedra do Cachorro, Pernambuco.

ANTECEDENTES DA PESQUISA

O sítio arqueológico Pedra do Cachorro encontra-se em um abrigo sob rocha na lateral leste de um afloramento rochoso circular, de mesmo nome. De composição arenítica, esse rochedo tem formato cônico, com 70 m de altura, base circular de 150 m de diâmetro e 600 m de perímetro. Localiza-se próximo à Vila de Catimbau, no sertão semiárido do Estado de Pernambuco, a 278 km do Recife, na microrregião de Arcoverde, município de Buíque, formando parte do Parque Nacional do Vale do Catimbau, nas coordenadas UTM 24L 692956E 9051649N (WGS-84) (Figura 1). Pertence à bacia hidrográfica do Moxotó, assim como todos os demais sítios compreendidos no Parque Nacional, inserido na formação Tacaratu, de origem sedimentar, composta por arenitos e conglomerados. Este sítio apresenta a sua área abrigada voltada para a serra de Jerusalém, orientada no sentido norte-sul, a uma distância aproximada de 800 m (Moura et al., 2017).

Figura 1. A - Foto do sitio arqueológico na lateral leste do afloramento rochoso do mesmo nome. B - Mapa com a localização geográfica no município de Buíque, PE. (Fonte: LABIFOR - UFPE).

O Parque Nacional do Vale do Catimbau constitui uma unidade de conservação gerenciada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com área de 62.300 ha, estendendo-se pelos municípios de Buíque, Ibirimir, Sertânia e Tupanatinga. Abriga cavernas, canyons, vegetação nativa de caatinga, característica do semiárido nordestino. No seu entorno, observa-se a ocorrência de numerosos abrigos sob-rocha, formados pela erosão eólica e fluvial sobre a estrutura sedimentar, entre os quais têm sítios arqueológicos contendo painéis com pinturas e gravuras rupestres e sepultamentos humanos, marcando a presença de ocupações humanas pré-históricas de amplos horizontes temporais e culturais, em cerca de 6.000 anos AP. Na área, foram identificados três dezenas de sítios arqueológicos, dos quais alguns têm sido pesquisados parcial ou totalmente, gerando informações sobre as ocupações humanas pré-históricas da região. Entre

os sítios estudados com presença de sepultamentos humanos, destaca-se Alcobaça (Etchevarne, 1999-2000; ICMBio, 2016; Martin, 2005; Oliveira, 2001, 2006; Solari et al., 2015, 2016).

O motivo que gerou a pesquisa arqueológica no sítio Pedra do Cachorro decorreu do encontro de ossos de um esqueleto humano com sinais de manipulação antrópica (Solari et al., 2015, 2016; Solari e Silva, 2017). Em 2010 foram encontrados pelos moradores locais ossos expostos na superfície do abrigo, de modo fortuito após revolvimento da superfície do solo por animais, em uma área destinada a um curral para criação de gado bovino. Coletados por arqueólogos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Pernambuco, os ossos foram encaminhados ao Museu Municipal de Buíque e em 2013 ao Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense – LABIFOR, do Departamento de Arqueologia da UFPE.

Esse esqueleto incompleto, segundo Solari et al., (2015, 2016), pertencia a um indivíduo masculino, com idade biológica entre 35 a 45 anos, de ancestralidade americana e estatura aproximada de 1,63 m. Os ossos apresentaram uma série de sinais de manipulação intencional humana *perimortem*, incluindo marcas de cortes, golpes e fraturas. Essas marcas estariam associadas a atividades de esfolamento no crânio e desarticulação da mandíbula, assim como de desarticulação e descarnamento nos ossos longos. Ainda foram observadas marcas

de golpes para fraturar os ossos nas diáfises e remover tecidos moles (Solari e Silva, 2017).

Além desse sepultamento, nas escavações realizadas no sítio entre 2015 e 2016, foram identificadas outras duas deposições funerárias, o sepultamento 2 e o sepultamento 3. Também foram localizados alguns poucos fragmentos de ossos parietais com sinais de queima e dentes esparsos pertencentes a um quarto indivíduo, ainda em estudo.

A matriz de solo, onde as covas foram abertas, em períodos distintos, caracteriza-se pela presença de camadas de cinzas com carvão vegetal e remanescentes faunísticos em pequena quantidade. Qualquer associação entre as áreas de combustão e as inumações ainda não foi devidamente analisada. No nível atual do sítio, as camadas mais superficiais já sofreram erosão e transporte dos sedimentos para níveis mais baixos no terreno. Em comunicação oral, os moradores locais informaram que algumas décadas atrás o sítio era bem mais elevado do que nos dias atuais, e isso estaria relacionado a erosão por fatores naturais e biológicos.

Neste trabalho apresentamos os resultados das análises arqueotanológicas (contexto arqueológico) e bioarqueológicas (perfil biológico), centrados na caracterização do sepultamento 3 escavado no sítio Pedra do Cachorro, Buíque, PE.

São descritas a posição do corpo, disposição dos membros, orientação e tipo de deposição funerária. Ao mesmo tempo, a reconstrução do perfil biológico

possibilitou estimar sexo, idade, estatura e alterações ósseas e dentárias indicadoras de doenças, traumas ou anomalias. A particularidade dos dados mortuários presentes neste sepultamento, foram comparados aos esqueletos da Lapa do Boquete e Malhador, Minas Gerais (Prous e Schlobach, 1997), pelas suas semelhanças. Hipoteticamente este sepultamento faz parte de um ciclo funerário caracterizado pelo uso sazonal de espaços funerários em destaque no Vale do Catimbau entre, pelo menos, 3.560 e 730 anos AP.

OS REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA

Nas escavações dos anos 2015 e 2016 no sítio Pedra do Cachorro, foram evidenciadas um total de três deposições funerárias e uma ocorrência de escassos fragmentos de ossos e dentes humanos isolados (Figura 2).

O sepultamento 1, que apresentava sinais de bioturbação desde 2010, não apresentou marcas do contorno da cova e caracterizou-se como deposição funerária composta ou sepultamento secundário. O esqueleto encontrava-se sem manutenção da conexão anatômica entre os ossos, fragmentado e incompleto, com sinais de cortes, golpes e fraturas, tendo sido estudado por Solari et al., (2015) e Solari e Silva (2017).

Pelo contrário, nos outros dois casos, sepultamentos 2 e 3, foram evidenciados sinais de cova e esqueletos com preservação da conexão anatômica entre os ossos,

caraterizados como deposições funerárias simples (Sprague, 1968, 2005) ou sepultamentos primários (Ubelaker, 1984; Dудay, 2009a, 2009b). Igualmente, existe diferença significativa entre as posições corporais dos esqueletos nessas duas deposições funerárias. Nos dois casos, os esqueletos encontravam-se hiperfletidos, mas com eixos crânio-pelve em planos distintos: no sepultamento 2, no plano horizontal e no sepultamento 3, no plano vertical, em posição sentada.

O sepultamento 2 apresentou um esqueleto de criança de aproximadamente 3 anos, em decúbito ventral, com corpo hiperfletido. Apresentou erosão dentária nas faces linguais dos incisivos superiores, indicando possível perimólise por doença no sistema digestório, estresse e/ou causas relacionadas ao tipo de alimentação (Solari et al., 2016).

A seguir foi localizado o sepultamento 3, de um indivíduo adulto jovem, masculino, inumado com eixo crânio-pelve verticalizado, em posição sentada, membros superiores parcialmente fletidos e inferiores hiperfletidos, em cova simples, preenchida com folhas ainda preservadas. Por último, a ocorrência de ossos humanos avulsos está representada por fragmentos de parietais com sinais de queima e dentes esparsos, sem relação com nenhuma estrutura funerária no contexto escavado.

100

Figura 2. Planta do sítio com as quadriculas escavadas e a localização dos sepultamentos e ossos avulsos (Fonte: LABIFOR - UFPE).

As datações de amostras de ossos indicaram períodos cronológicos distintos entre as três deposições funerárias escavadas na Pedra do Cachorro (Quadro 1). A grande distância temporal entre as deposições funerárias funciona como indicador da intermitência dos ciclos funerários, associada à sazonalidade dos grupos caçadores-coletores e horticultores incipientes que habitavam o Vale do Catimbau entre, -pelo menos- 3.560 a 760 anos AP, e que usaram locais destacados na paisagem da região como a Pedra do Cachorro para enterrar seus mortos. Verifica-se a presença de deposições funerárias esporádicas e distintas entre si, também quanto ao tratamento do corpo e características da cova, (Quadro 2).

101

Deposição funerária	Número do laboratório	Tipo de análise	Material	Data radiocarbônica convencional	Calibração com 2 sigmas
Deposição funerária 1	Beta - 424624	AMS	Colágeno ósseo	760 ± 30 AP	Cal d.C. 1265 -1305 (Cal AP 685 - 645) e Cal d.C. 1365 - 1375 (Cal AP 585 - 575)
Deposição funerária 2	Beta - 447238	AMS	Colágeno ósseo	1.470 ± 30 AP	Cal d.C. 585 - 655 (Cal AP 1365 - 1295)
Deposição funerária 3	Beta - 447239	AMS	Colágeno ósseo	3.560 ± 30 AP	Cal a.C. 1925 - 1750 (Cal AP 3875 - 3700)

Quadro 1: Datações radiocarbônicas dos sepultamentos 1, 2 e 3 do sítio Pedra do Cachorro, Buíque, PE.

Classificação dos sepultamentos - descritores	Sepultamento 1	Sepultamento 2	Sepultamento 3
Idade/sexo	Adulto/ Masculino	Subadulto/ Feminino?	Adulto/ Masculino
Forma de deposição	Deposição composta (secundária): processos redutivos (descarnamento mecânico) e inumação secundária ou final. Cova circular?	Deposição simples (primária): inumação primária Cova oval	Deposição simples (primária): inumação primária Cova circular
Localização da área de deposição	Sob abrigo arenítico. Em mancha de cinza e carvão.	Sob abrigo arenítico. Junto de matacão de arenito, como parte da estrutura da cova	Sob abrigo arenítico. Dentro de camadas de carvão e cinzas pré-existent
Preparação do corpo	Processos redutivos	Sem tratamento	Sem tratamento
Recipiente para envolver o corpo	Não observado.	Não observado.	Cova forrada com folhas
Articulação do esqueleto	Desarticulado - perturbado	Articulado	Articulado
Individualidade (número de indivíduos na mesma cova)	Simples (um)	Simples (um)	Simples (um)
Posição do corpo	Não observada	Decúbito ventral, com lateralização à direita, corpo hiperfletido	Sentado, com o corpo hiperfletido
Disposição dos membros	Sem disposição aparente.	Pernas hiperfletidas, braço esquerdo estendido ao longo do corpo e direito fletido junto ao tórax, com mão à face, com a cabeça voltada para esquerda, face para abaixo	Pernas hiperfletidas, braços fletidos e cruzados. Queda do crânio sobre o canal pélvico durante o processo de decomposição do corpo.
Orientação	---	NW-SE (eixo crânio-pelve)	NE (facing)
Materiais associados/Acompanhamentos	—	—	Folhas

Quadro 2: Comparação entre os sepultamentos 1, 2 e 3 da Pedra do Cachorro (Modificado de Sprague, 2005).

METODOLOGIA: ARQUEOTANATOLOGIA E BIOARQUEOLOGIA

A abordagem que considera o corpo na deposição funerária, implica multidisciplinaridade com a aplicação de elementos de osteologia humana e outras ciências para o estudo de uma série de temas: os tipos de ciclos ou programas funerários e a organização social; atividades diárias e divisão do trabalho; paleodemografia incluindo o tamanho e densidade da população; mobilidade populacional e relações genéticas; dieta e doença (Buikstra, 1977, 2006). Assim na perspectiva processual da osteoarqueologia, osteobiografia e da abordagem pós-processual da bioarqueologia, o corpo é estudado de modo holístico.

Nesse sentido, foi procedida a análise de descritores de contexto arqueológico e do perfil biológico do esqueleto do sepultamento 3. A caracterização arqueotanatológica dos descritores da deposição funerária incluem a forma da deposição, posição do corpo, orientação do corpo e da face, disposição dos membros, posição da cabeça, posição das mãos e pés, forma e características da cova e de eventuais acompanhamentos funerários (Duday, 2009a, 2009b; Silva, 2005/2006; Sprague, 1968, 2005; Ubelaker, 1984); enquanto que os dados bioarqueológicos do perfil biológico são: sexo, idade, estatura, ancestralidade, traumas, doenças, anomalias, caracteres epigenéticos, sinais de estresse e características dentárias (Bass, 2005; Brothwell, 1981; Buikstra e Ubelaker, 1994; Byers, 2008; Mays, 2010; Ortner, 2003; White et al., 2012).

A análise do contexto arqueológico da deposição funerária está baseada nas abordagens da Arqueotematologia (Duday, 2009a, 2009b), com emprego de terminologias para descrever sepultamentos humanos nos respectivos contextos arqueológicos (Silva, 2005/2006; Sprague, 1968, 2005). Tecnicamente, foram adotadas as sugestões de mapeamento planialtimétrico proposto por Sutherland (2007, p.37) e Tuller et al., (2008, p.26), que inclui a plotagem de coordenadas em pelo menos 13 pontos de persistência de conexão anatômica no esqueleto e *n* pontos em ossos desarticulados/desconexos e fragmentos. Neste caso, para o registro espacial do eixo crânio-pelve foram obtidas coordenadas no centro do corpo da terceira vértebra torácica e no centro entre os corpos da última vértebra lombar e da primeira vértebra sacral. Os demais pontos nos membros superiores e inferiores citados por Sutherland (2007) foram igualmente sugeridos por Tuller et al., (2008) e mensurados no esqueleto. Foram elaborados croquis de laboratório contendo os dados da estação total em pontos de articulação.

104

Por outra parte, as análises morfológicas superficiais dos ossos e dentes para o perfil biológico e dos dados do contexto arqueológico para o perfil funerário, obedeceram protocolos adaptados de Bass (2005), Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994), Byers (2005), Cassman et al., (2008), Cox e Mays (2000), Di Gangi e Moore (2013), Duday (2009a, 2009b), Mays (2010), Ortner (2003), Silva (2005-2006), Silva Mello (1999), Sprague (2005), Ubelaker (1984), White et al., (2012). Segundo estes autores, o perfil biológico compreende dados bioantropológicos como, idade biológica, sexo biológico, ancestralidade

biogeográfica, estatura, doenças, anomalias, estresses, traumas (*antemortem*, *perimortem*, *postmortem*), remodelações dentárias de origem patológica, alimentar e cultural, dados morfoscópicos e morfométricos. Para a estimativa desses dados foram estipulados os seguintes métodos e técnicas:

a) Para a estimativa da **idade biológica** foram adotados os métodos descritos por Bass (2005), Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994) e White et al., (2012). Foram comparados o grau de desenvolvimento dentário, fechamento das linhas epifisiais nos ossos longos, escápulas, ossos dos quadris e vértebras, desgaste dos molares, fechamento das suturas cranianas, aspecto das remodelações ósseas das extremidades costais, da face auricular, da sínfise púbica e da extremidade esternal da clavícula.

b) A estiva do **sexo biológico** seguiu as técnicas descritas por Bass (2005), Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994), Byers (2005), Cox e Mays (2000) e White et al., (2012). Foram observados os dados relativos a robustez do esqueleto – morfometria comparada com outras coleções do fêmur, úmero e escápula, morfologia e morfometria no crânio, atlas e características morfológicas dos ossos dos quadris.

c) A inferência da **ancestralidade biogeográfica** foi elaborada conforme as técnicas osteoscópicas apresentadas por Brothwell (1981), Byers (2005) e White et al., (2012).

d) Para o cálculo da **estatura** foram adotadas as técnicas descritas por Bass (2005), Brothwell (1981), Byers (2005) e White et al., (2012). Em laboratório os comprimentos máximos dos ossos longos foram aplicados em fórmulas previamente estabelecidas para a ancestralidade mais aproximada.

e) A identificação de sinais indicadores de **paleopatologias** obedeceu ao emprego das técnicas sugeridas por Aufderheide e Rodriguez-Martin (2006), Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994), Mann e Hunt (2005), Ortner (2003) e White et al., (2012). As análises de caráter diagnóstico parcial buscaram registrar remodelações cicatrizadas ou ativas nas superfícies dos ossos longos, crânio, vértebras, dentes e nas superfícies das articulações.

f) Para identificar traços de **anomalias e traumas** *antemortem*, *perimortem* ou *postmortem* foram utilizadas as técnicas descritas em Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994), Byers (2005), Dupras et al., (2012), Larsen (2002), Mann e Hunt (2005) e White et al., (2012). Traços de lesões e remodelações dentárias foram registrados e diagnosticadas junto com suas possíveis causas.

Para a obtenção dos dados métricos foram empregados um osteômetro, um paquímetro e um compasso de pontas rombas (*GPM instruments*), fita métrica de uso médico/antropológico e transferidor metálico de uso médico. Foram elaboradas fichas de dados bioantropológicos, morfológicos e morfométricos, adaptadas das fichas de Buikstra e Ubelaker (1994).

RESULTADOS PRELIMINARES NA CARATERIZAÇÃO DO SEPULTAMENTO 3

O contexto arqueológico: Arqueotanatologia

Durante a escavação da área do sepultamento 3 foi empregada a técnica de *decapagem* por níveis naturais. Os primeiros 10 cm corresponderam à camada superficial, que se estende por todo o sítio, contendo maior quantidade de materiais orgânicos (estrume de boi, coquinhos e carvão) e outros materiais modernos. Entre 10 e 20 cm de profundidade, foram identificadas camadas de carvão com cinzas (áreas de combustão), estruturas recorrentes em todas as quadras que foram escavadas.

107

A partir dos 20 cm de profundidade, foi possível observar os limites superiores de uma cova circular, com 60 cm de diâmetro aproximado e espacialmente restringida. Remanescentes ósseos humanos – regiões de articulação do joelho direito - foram localizados a 30 cm de profundidade; entre 30 e 40 cm foram evidenciados a região dos ombros e as escápulas. A posição das escápulas e da articulação do joelho direito possibilitaram estimar a posição do corpo, disposição dos membros inferiores e possível localização da cabeça (Figura 3).

Figura 3: Nível superior da cova do sepultamento 3. A - Croqui da cova com as regiões do esqueleto que foram localizadas no nível superior; B - Fotografia da cova com as duas regiões dos joelhos evidenciados inicialmente (Fonte: LABIFOR - UFPE).

No perímetro circular interno da cova e junto das extremidades dos ossos longos foram evidenciadas folhas dessecadas e muito friáveis (vegetal ainda não identificado quanto à espécie) (Figura 4). No decorrer da decapagem, observou-se que os ossos do esqueleto apresentavam conexão anatômica, com algumas áreas desarticuladas em decorrência de reacomodação dos níveis arqueológicos no solo arenoso e extremamente seco. O crânio teria colapsado sobre a região pélvica durante a decomposição dos tecidos moles. A presença de espaços dentro da cova favoreceu essa queda antes do seu total preenchimento.

Figura 4: Folhas evidenciadas na cova, sepultamento 3. A – Vista oblíqua da epífise distal do fêmur direito, epífise proximal da tíbia direita e patela direita. Observe-se a quantidade de macrovestígios vegetais em associação na cova; B – Fotografia de uma amostra de fragmentos de folhas associadas ao esqueleto (Fonte: LABIFOR - UFPE).

109

A exposição completa do esqueleto para seu registro pormenorizado antes da coleta e retirada dos ossos, é um dos requisitos metodológicos da Arqueologia Funerária (Brothwell, 1981; Silva, 2005-2006; Silva e Calvo, 2007; Silva, 2014; Ubelaker, 1984; White e Folkens, 2005), mas a posição vertical do corpo com membros fletidos, depositado em matriz de solo arenosa e seca, representou uma dificuldade neste caso. A exposição completa e simultânea de todos os ossos do esqueleto, com permanência nas posições nas quais foram encontrados, não foi possível devido à natureza da matriz sedimentar do sítio. Considerando essa condição, o esqueleto foi escavado em partes, com uso de pincéis de cerdas naturais e espátulas de madeira, acompanhado por um registro detalhado com

fotografias, desenhos e planialtimetria dos ossos (incluindo detalhes das articulações).

Os ossos e amostras mais superficiais foram coletados e documentados, sempre na ordem que foram evidenciados no contexto arqueológico. A retirada de alguns ossos permitiu uma escavação em profundidade e a exposição dos demais ossos do esqueleto. Foram priorizadas nos processos de documentação, as relações de articulação entre os ossos durante a exposição do esqueleto. Nos níveis inferiores foram evidenciados os ossos das mãos, pés e do cingulo dos membros inferiores. A base da cova exposta a 65 cm de profundidade, não representa a profundidade original da mesma, aberta durante as etapas iniciais do ciclo funerário em questão.

110

A partir de um “Stick Man” (Sutherland, 2007:37 e Tuller et al., 2008:26) ou modelo de mapeamento de pontos de registro pela estação total, foram uniformemente registradas as coordenadas planialtimétricas na ficha topográfica (Figura 5): a) no crânio (glabella, mento ou centro da circunferência ocupada pelos ossos cranianos); no forame magno; b) no centro do corpo da primeira vértebra sacral; no centro da articulação da escápula com o úmero, mais precisamente no centro da cabeça do úmero (direito e esquerdo); c) no centro da articulação entre os úmeros e as ulnas/rádios (direito e esquerdo); d) no centro das articulações entre os ossos do carpo e o rádio/ulna (direito e esquerdo); e) no centro das articulações entre os fêmures e os ossos dos quadris, mais precisamente no centro da cabeça do fêmur (direito e esquerdo); f) nos centros das articulações entre os

fêmures e as tíbias, na eminência intercondilar (direito e esquerdo); g) nos centros das articulações entre as tíbias/fibulas e os tálus; h) assim como, em eventuais intrusões de outros materiais e pontos complementares de delimitação da cova.

Sítio: Pedra do Cachorro

Sep.: 03

Localização: Setor A, Quadra O6, Quadricula b

Data: 30.06.2016

Obs.: Profundidade: - 15cm a - 65cm (aprox.)

Figura 5. *Stick Man* ou ficha topográfica do esqueleto do sepultamento 3.

Foram elaborados croquis de campo com vistas verticais das decapagens realizadas e um *photowork* com imagens em *close up*, fotografias verticais e oblíquas (Barker, 2002) do sepultamento nas várias fases de decapagem, registro planialtimétrico e retirada. A Figura 6, apresenta aspectos gerais do sepultamento em vista vertical. Nas Figuras 7 a 10 observam-se a articulação e reacomodações de vértebras cervicais e do crânio, nas regiões da caixa torácica e pélvica, mãos e pés na matriz circundante.

Observou-se que a coluna cervical e o crânio do esqueleto apresentavam-se colapsados, com gradativa perda de conexão anatômica desde a terceira vértebra torácica até o atlas, resultado da decomposição e desarticulação dos ossos dessa região do esqueleto, ainda durante o processo tafonômico de preenchimento da cova, durante os meses nos quais a decomposição do corpo teve seu início até o término. O estado de desarticulação parcial indica a presença de espaço no interior da cova durante a decomposição do cadáver. Portanto, o colapso da abertura da cova e o seu preenchimento com sedimento da matriz de solo teria ocorrido ainda durante a decomposição do corpo, pois as vértebras cervicais encontravam-se em conexão anatômica moderada, sem giros ou quedas repentinas.

A **B**
Figura 6. Sepultamento 3 em norma vertical. A – Croqui composto da cova circular, com manchas de folhas (em cinza) e esqueleto em posição vertical; B – Fotografia vertical de parte do sepultamento (Fonte: LABIFOR - UFPE).

O crânio encontrava-se com a face voltada para baixo, atlas com manutenção da conexão anatômica em relação aos côndilos occipitais e mandíbula em conexão anatômica parcial nas fossas mandibulares dos temporais. A queda da cabeça durante o processo da decomposição do cadáver ocorreu simultaneamente ao colapso gradativo da coluna, especialmente observado entre a segunda e a terceira vértebras torácicas. Esse processo pode ter resultado da presença de espaço dentro da cova durante o período da decomposição ou do preenchimento total do interior

da cova durante a deposição e posterior preenchimento com solo arenoso. Pela posição da cabeça, a primeira hipótese é mais adequada, pois havia espaço entre a cabeça e a região entre os fêmures para essa queda do crânio e das cervicais. A matriz circundante, arenosa e minimamente compactada, preencheu os espaços vazios deixados pela cova e os tecidos moles do corpo, de modo a manter os ossos dos membros superiores e inferiores e as vértebras torácicas e lombares com preservação total ou moderada da conexão anatômica.

Figura 7. Sepultamento 3. A – Croqui da região do crânio e vértebras cervicais e torácicas, em norma vertical, indicando a disposição desses ossos; B – Fotografia oblíqua (*close up*) da região das vértebras cervicais, torácicas e crânio (Fonte: LABIFOR - UFPE).

Figura 8.
Sepultamento 3. A –
Croquis de duas
etapas de
decapagem da caixa
torácica em vista
superior. B –
Fotografia vertical
de parte da caixa
torácica do
esqueleto (Fonte:
LABIFOR - UFPE).

115

Figura 9: Sepultamento 3. A – Croqui da região pélvica, membros superiores, membro inferior direito em vista superior ou vertical; B – Fotografia vertical da região pélvica, membro superior direito e regiões das mãos e pés (Fonte: LABIFOR - UFPE).

Figura 10: Sepultamento 3. Croquis da região pélvica e disposição dos ossos das mãos (A) e dos pés (B), com detalhes dos ossos abaixo do croqui (Fonte: LABIFOR - UFPE).

A dificuldade de escavação, no caso do sepultamento 3, deveu-se ao tipo de solo resultante da decomposição de arenitos brancos e vermelhos, em parte advindos da erosão do afloramento rochoso, formando sedimentos com feldspato e sílica, não conglomerados e muito soltos, aumentando a mobilidade entre os elementos ósseos dentro da cova, antes e durante a intervenção arqueológica. Nesse sentido, o solo do abrigo pode ser caracterizado como do tipo R70, litólico, distrófico, podzólico vermelho-amarelado, em contexto de afloramento rochoso em erosão,

formado pela sobreposição de camadas mais espessas ou lentiformes e interrompidas, resultantes de queimas de vegetais em grandes áreas de combustão, possivelmente mais antigas que o sepultamento, cuja cova foi aberta em meio a essas estruturas preliminares (Jatobá, 2003).

ASPECTOS DO PERFIL BIOLÓGICO: BIOARQUEOLOGIA

Foram estimados elementos do perfil biológico do esqueleto do sepultamento 3, em particular: idade, sexo, ancestralidade, estatura, sinais de doenças, traumas e anomalias.

Idade biológica: a presença dos terceiros molares erupcionados indica idade superior a 21 anos (White e Folkens, 2005:366); a superfície auricular direita apresentou características primárias e secundárias de idade compatíveis com idades de 19 a 24 anos (Buikstra e Ubelaker, 1994:26) e entre 20 e 25 anos – fases 1 e 2 (White e Folkens, 2005:382); a sínfise púbica apresentou características da fase I, 18-19 anos e da fase II, 20 – 21 anos (White e Folkens, 2005:376). O método de Meindl e Lovejoy (1985 *apud* White e Folkens, 2005:370) de obliteração das suturas no neurocrânio, indicou idade média inferior a 30,5 anos ($dp = 9,6$ anos), com idade mínima próxima de 20,9 anos. A face articular esternal da clavícula apresenta sinais de início do fusionamento epifisial, que começa por volta dos 23 anos de idade, encontrando-se em 80% fusionada aos 30 anos (White e Folkens, 2005:372) e por volta de 18 a 22 anos (Ubelaker, 1984:53). Os ossos apresentam fusionamento completo das epífises, que se fusionam entre 16 (epífise

distal do úmero) e cerca de 25 anos (sincondrose esfenoccipital), excetuando-se a epífise medial da clavícula e o sacro (S1-S2). Estes iniciam-se por volta de 17 a 18 anos, terminando acima dos 30 anos (Mays, 2010:58; White e Folkens, 2005:373).

Sexo biológico: no crânio do esqueleto do sepultamento 3, observaram-se crista nugal de grau 4, processo mastoideo esquerdo de grau 4, margem supraorbitária de grau 3, região da glabella e arco superciliar de grau 3, eminência mentoniana de grau 4 (Buikstra e Ubelaker, 1994:20; White e Folkens, 2005:390-391). A região púbica (direita e esquerda) apresentou uma linha suave na área do arco ventral, ausência de concavidade subpúbica – retilínea; ausência de crista ou margem cortante na superfície medial, entre o ramo inferior do púbis e o ramo do ísquio (Buikstra e Ubelaker, 1994:17; Ubelaker, 1984:43; White e Folkens, 2005:393); a incisura isquiática maior apresentou grau 4 a 5 (Buikstra e Ubelaker, 1994:18); ausência de sulco preauricular (Ubelaker, 1984:43) (Figura 11). Os ossos não apresentam regiões de origem e inserção da musculatura desenvolvidas, condição possivelmente associada a demanda músculo-esquelética reduzida desde a infância. Os diâmetros das cabeças do úmero e fêmur apresentam valores de 42 mm e 42 mm (direitos) e 43 mm e 42 mm (esquerdos). Para o diâmetro transversal da cabeça do úmero os valores são compatíveis com indivíduos masculinos, que podem variar entre 40,9 e 42,8 mm (BASS, 2005:158). A altura da cavidade glenoidal desde o tubérculo supraglenoidal e o tubérculo infraglenoidal apresentou valor de 32 mm (direita) e 36 mm (esquerda). Esses valores indicam indivíduo

com sexo indeterminado, cujos valores estão entre 34 e 36 mm. Para a cavidade glenoidal direita, o valor indica sexo feminino, <34mm, conforme Bass (2005:123). Entretanto, as coleções de referência não possibilitam o estabelecimento preciso do sexo em relação aos comprimentos máximos dos ossos longos e os diâmetros das cabeças ou da cavidade glenoidal.

119

Figura 11. Características morfológicas no osso do quadril para a estimativa do sexo: A – Incisura isquiática maior de grau 4 a 5; B - ausência de concavidade subpúbica, ausência de crista ou margem cortante na superfície medial, entre o ramo inferior do púbis e o ramo do ísquio (Fonte: LABIFOR - UFPE).

O Gráfico 1 apresenta a aproximação dos valores de médias de comprimentos máximos dos ossos longos de indivíduos masculinos e femininos estudados por Krogman (1986) em relação as médias dos ossos longos do esqueleto do sepultamento 3.

Gráfico 1. Médias de comprimentos máximos (mm) dos ossos longos, conforme o sexo (Krogman, 1986), comparados com as médias dos ossos longos do esqueleto do sep. 3.

Em relação as médias de alturas e diâmetros de determinados ossos, como escápula, úmero e fêmur, referendadas por Bass (2005) e Krogman (1986), o esqueleto não possui estimativa precisa do sexo, entretanto aproxima-se das séries masculinas utilizadas pelos autores (Gráfico 2).

Gráfico 2. Alturas da cavidade glenoidal e escápula e diâmetros verticais das cabeças do úmero e fêmur (em mm) em relação aos valores mínimos e médias em séries femininas e masculinas e as medidas esquerdas do esqueleto (sep.3).

Ancestralidade biogeográfica: o esqueleto do sepultamento 3 não apresentou incisivos superiores (perdidos *antemortem*) para a observação dos caracteres epigenéticos indicadores de ancestralidade. A datação obtida, anterior à invasão europeia na América, as características de inclinação do eixo do colo do fêmur (Byers, 2005), acrescidos das características dos traços não métricos no crânio, descritos em Byers (2005) e White e Folkens (2005:404), são indicadores de ancestralidade americana. A perda de pontos craniométricos na maxila inviabilizou a aplicação de comparações estatísticas de conjuntos de medidas satisfatórios.

Estatura: a partir das medidas dos comprimentos máximos dos ossos longos, obtidas com uso de tábua osteométrica, foi calculada a estatura média aproximada.

Conforme ao Quadro 3, considerando os resultados do uso das fórmulas de Genovés (1967) para o fêmur e a tíbia, a estatura estimada está entre 159,265 + 3,47 cm e 162,548 + 2,812 cm. Essa estimativa é compatível com as estaturas de amostras de indivíduos masculinos provenientes de sítios arqueológicos mesoamericanos e do leste asiático (White e Folkens, 2005). O Quadro 4 apresenta as medidas médias dos ossos do esqueleto, obtidas com três observadores.

122

Osso	Medidas médias de comprimento máximo por lado (cm)		Estatura (cm)	Desvio padrão (cm)	Referência
	Direito	Esquerdo			
Úmero	35,0	37,0	176,990	4,250	White, Folkens (2005, p.399)
Rádio	23,8	23,1	165,200	4,040	White, Folkens (2005, p.399)
Ulna	25,6	25,1	165,690	4,050	White, Folkens (2005, p.399)
Fêmur	41,0	41,1	159,265	3,417	Genovés (1967:76) apud Ubelaker(1984:44-5)
Tíbia	35,1	34,8	162,548	2,812	Genovés (1967:76) apud Ubelaker(1984:44-5)
Fíbula	34,0	33,8	160,440	3,520	White, Folkens(2005, p. 399)
Fêmur e tíbia	41,0/35,1	41,1/34,8	160,604	4,756	Genovés (1967:76) apud Ubelaker(1984:44-5)

Quadro 3. Estatura obtida a partir das medidas dos comprimentos máximos dos ossos longos, sepultamento 3.

Osso	Medida	Direito - média	Esquerdo – média
Clavícula	Comprimento máximo	13,7	13,6
	Diâmetro antero-posterior do meio da diáfise	1,1	1,0
	Diâmetro medial-lateral do meio da diáfise	0,8	0,7
Escápula	Altura máxima	-	15,0
	Largura máxima	9,4	9,9
Cavidade glenoidal	Altura	3,2	3,6
	Largura	2,5	2,3
Úmero	Comprimento máximo	35,0	37,0
	Largura bicondilar	5,9	6,1
	Diâmetro vertical da cabeça	4,2	4,3
	Diâmetro máximo do meio da diáfise	1,8	1,9
	Diâmetro mínimo do meio da diáfise	1,4	1,5
	Diâmetro médio do meio da diáfise	1,4	1,3
Rádio	Comprimento máximo	23,8	23,1
	Diâmetro sagital do meio da diáfise	1,1	1,1
Ulna	Diâmetro transverso do meio da diáfise	1,4	1,3
	Comprimento máximo	25,6	25,0
	Diâmetro antero-posterior da diáfise	1,6	1,3
	Diâmetro medial-lateral da diáfise	1,1	1,1
	Comprimento fisiológico	22,9	22,4
	Circunferência mínima	3,5	3,2
Sacro	Altura anterior	10,4	
	Largura superior anterior	10,0	
	Diâmetro transverso máximo da base	5,0	
Osso do quadril	Altura	20,0	19,6
	Largura do ílio	14,0	14,3
	Comprimento do púbis	8,0	7,6
	Comprimento do ísquio	7,4	-
Fêmur	Comprimento máximo	41,0	41,1
	Comprimento bicondilar	40,4	40,7
	Largura epicondilar	7,2	7,1
	Diâmetro máximo da cabeça	4,2	4,2
	Diâmetro subtrocantérico sagital	2,2	2,3
	Diâmetro subtrocantérico transverso	3,0	2,5
	Diâmetro sagital do meio da diáfise	2,5	2,5
	Diâmetro transverso do meio da diáfise	2,2	2,2
Tíbia	Circunferência do meio da diáfise	7,3	7,4
	Comprimento	35,1	34,8
	Largura máxima da epífise proximal	6,9	6,8
	Largura máxima da epífise distal	4,6	4,5
	Diâmetro antero-posterior da diáfise no forame nutrício	2,9	3,0
	Diâmetro transverso da diáfise no forame nutrício	2,0	1,9
Fíbula	Circunferência no forame nutrício	8,1	8,0
	Comprimento máximo	34,0	33,8
Calcâneo	Diâmetro máximo no meio da diáfise	1,2	1,1
	Comprimento máximo	7,4	7,5
	Largura média	3,8	3,9

Quadro 4: Medidas osteométricas (cm) dos principais ossos do esqueleto, sepultamento 3.

Paleopatologias: os dentes do esqueleto do sepultamento 3 apresentavam remodelações acentuadas relativas ao desenvolvimento severo de doença periodontal, presença de cáries, perda dentária *antemortem* e *postmortem*, abscessos periapicais e no seio maxilar, desgaste acentuado e exposição de câmaras pulpares (Aufderheide e Rodriguez-Martin, 2006; Buikstra e Ubelaker, 1994; Mann e Hunt, 2005; Ortner, 2003 e White et al., 2012) (Figura 12).

Especificamente na região da face, ossos alveolares e dentes, foram observadas remodelações severas que incluíram perda dentária *antemortem*, desgaste acentuado de coroas, abscessos periapicais reabsorvidos e cloaca intrusiva no seio maxilar direito, exposição de câmaras pulpares de dentes inferiores e superiores, perda de osso alveolar com exposição e extrusão de raízes, raízes em regiões de abscessos, desarticuladas e com desgaste total das coroas, lesões por cárie, regressão alveolar em dentes inferiores.

Essas remodelações são compatíveis com doença periodontal severa, possível consumo de alimentos com componentes cariogênicos e uso intenso das superfícies oclusais dos incisivos, caninos e pré-molares superiores e molares inferiores, com desgaste total de coroas e partes das raízes. As superfícies polidas e côncavas das raízes, com exposição das câmaras pulpares, indicam demanda intensiva desses dentes, possivelmente para processamento de fibras vegetais macias. Associado a presença de cárie e abscessos, decorrentes dessas lesões e

lesões complexas por compressão, desgaste e exposição de câmara pulpar, associadas a tártaro, a perda dentária foi generalizada, predominando na maxila.

Na Figura 12 (B) observa-se na maxila a presença de um óstio ou abertura formada por abscesso no nível do segundo molar esquerdo. Essa abertura propiciava a comunicação entre a cavidade bucal e o seio maxilar direito, possivelmente. A oclusão incomum entre dentes superiores e inferiores associa-se a perda *antemortem* generalizada de dentes, o desgaste intenso dos dentes anteriores, abertura de câmaras pulpares, abscessos, reabsorção alveolar e as lesões severas por cárie.

125

Figura 12: Crânio do esqueleto do sepultamento 3 com patologias dentais: A – Crânio em norma anterior; B – Maxila em vista palatina; C – Mandíbula em norma oclusal ou superior (Fonte: LABIFOR - UFPE).

Os demais ossos analisados não apresentaram remodelações indicadoras de afecções patológicas ósseas superficiais

Anomalias e traumas: Não foram identificados calos ósseos por fraturas cicatrizadas ou sinais de anomalias superficiais. Foram observadas pequenas áreas com presença de poros por vascularização, possivelmente associadas à remodelação normal de ossos em estágio final de modelação dos seus tecidos superficiais (Buikstra e Ubelaker, 1994:109) e porosidades normais na região do arco superciliar (Mann e Hunt, 2005:26). Durante essas etapas foram obtidos dados morfooscópicos e morfométricos macroscópicos dos ossos e dentes, bem como o mapeamento das remodelações ou deformações do esqueleto. Alterações tafonômicas que resultaram na degradação de substâncias ósseas em várias áreas do esqueleto, quebras incidentais e ausências de pequenos ossos foram registradas em diagrama e perfaz tema de outro estudo a ser publicado sobre tafonomía.

126

OUTROS SÍTIOS COM CARACTERÍSTICAS SIMILARES

Referências a indivíduos depositados diretamente em covas na terra em posição sentada, não são tão comuns quanto poderíamos supor. Pelo contrário, há substancialmente mais referências sobre enterramentos individuais primários em posição sedente depositados em urnas funerárias de cerâmica (Castro et al., 2015; César, 1977; Cristante, 2017; Mazza et al., 2016; Müller e Souza, 2011; Rizzardo e Schmitz, 2015; Rizzardo, 2017; Castro et al, 2015), mas no caso do sepultamento 3 da Pedra do Cachorro, a ausência de qualquer recipiente de cerâmica e a antiguidade do enterramento são significativos para sua discussão.

Nessa busca bibliográfica de sepultamentos com características semelhantes em termos de tipologia funerária e atributos gerais do corpo, da cova e dos acompanhamentos (Sprague, 1968, 2005) nos sítios arqueológicos pré-históricos no Brasil, encontramos referências apenas na publicação de Prous e Schlobach (1997) sobre os sepultamentos do vale do Peruaçu, Minas Gerais, aos quais nos referimos brevemente de forma comparativa.

Prous e Schlobach (1997) descreveram sinteticamente os sepultamentos escavados no vale do Peruaçu, Minas Gerais. Nessa região, entre 4.500 a 7.000 AP (período Arcaico Médio) foram descritos os sepultamentos I, II e VI da Lapa do Boquete e os sepultamentos I, IV e V da Lapa do Malhador. Entre 600 a 1.200 AP (período Ceramista Recente Médio, “Tradição Una”), foram situados os sepultamentos III, IV e V da Lapa do Boquete e os sepultamentos II e III da Lapa do Malhador. Algumas deposições funerárias do período denominado “Cerâmico” ou da “Tradição Una”, apresentaram corpos em posição fetal sedente. Na Lapa do Boquete os corpos inumados nas sepulturas III e IV e na Lapa do Malhador os inumados nas sepulturas II e III, foram depositados sentados, com os membros fletidos.

O sepultamento III da Lapa do Boquete consistia numa cova circular de 45 cm de diâmetro, 30 cm de profundidade, com um indivíduo de 10 a 14 anos de idade, acompanhamentos funerários representados por vasilha de cerâmica, palha de palmácea, cordame, lasca de sílex, casca de angico e suportes de madeira para

cobrir a cova, percutores e lascas de sílex, não datado. O corpo estava encostado na parede oeste da cova, joelhos a leste, cabeça inclinada para baixo, pernas caídas uma para cada lado, os pés juntos a sudeste da cova e junto deles as mãos, cruzadas acima da pelve. Neste mesmo sítio, o sepultamento IV estrutura-se em cova de 27 a 34 cm de diâmetro por 70 cm de profundidade, forrada com uma camada de 3 cm de pigmento amarelo. O corpo de um adulto foi depositado sentado, com as costas voltadas para o NW, os pés dispostos à frente dos ossos dos quadris e direcionados a SE. As pernas estavam hiperfletidas e os braços estariam em volta delas, na altura do tórax e abdômen, com mãos entrelaçadas, ao sul da fossa. Acompanhamentos funerários estavam representados por cabaças de tamanhos variados, recipiente de fibras com utensílios, vasilha cerâmica, seteiras e capa de folhas de palmáceas e intercalavam as camadas entre os ossos do esqueleto (Prous e Schlobach, 1997:18 -19).

128

No sepultamento III da Lapa do Malhador, segundo Walter Neves (Prous e Schlobach, 1997:11), o corpo de um indivíduo feminino de 35 a 39 anos de idade, teria sido depositado na cova sentado, hiperfletido, em posição fetal, crânio voltado para baixo, na direção SE. A cova pequena, circular, com 55 a 60 cm de diâmetro, fundo côncavo e paredes retas e cerca de 50 cm de profundidade, indica que o corpo foi possivelmente “pressionado” dentro dela. As paredes da cova estavam forradas com trançados de fibras vegetais – embora, com fragmentos em todo o fundo da cova. O sepultamento II da Lapa do Malhador (Prous e Schlobach, 1997:9-10) continha uma criança de 6 ± 2 anos, datada em 810 ± 40

AP, que foi acomodada sentada, hiperfletida, com braço esquerdo lateralmente disposto em relação ao corpo, “semi-fletido” e “abraçando a perna esquerda por fora, com a mão na altura do cotovelo”; o braço direito em posição lateral, “semi-fletido”, com a mão sobre o abdômen e os pés “dobrados lateralmente”.

As covas pequenas induziram os autores a propor que os corpos haviam sido depositados e prensados ou comprimidos dentro dela. Não foram considerados os processos formadores do registro arqueológico, caracterizados pela compactação do solo – com camadas pouco compactas de carvão vegetal - e diminuição das alturas das paredes das covas, bem como a mobilidade sofrida pelos ossos após a decomposição do corpo, considerando o espaço deixado pelos tecidos moles e a cova, concomitantemente ao tempo de preenchimento da mesma com sedimentos da matriz e da superfície e eventuais intervenções antrópicas posteriores. As terminologias funerárias empregadas são imprecisas quando comparadas as sugestões de Sprague (2005) ou Ubelaker (1984) e não possibilitam a recuperação dos dados mortuários de contexto. Estes dados são recuperáveis pelas documentações de campo produzidas durante as escavações dos sítios, sendo então comparáveis aos dados do sepultamento 3 da Pedra do Cachorro.

Verificou-se similaridade entre a forma de deposição e posição do corpo no sepultamento 3 de Pedra do Cachorro e as dos esqueletos dos sepultamentos dos abrigos Lapa do Boquete (III, IV) e Lapa do Malhador (II, III), de Minas Gerais, especialmente em relação aos sepultamentos datados de 600 a 1.200 AP,

representativos da “Tradição Una”. Entretanto, não foram localizados na cova do sepultamento 3 de Pedra do Cachorro, artefatos cerâmicos ou outros tipos de artefatos diretamente associados como acompanhamentos funerários junto do corpo, a diferença dos sítios de Minas Gerais. O revestimento do interior da cova, estruturas de proteção ou acondicionamento do corpo, foi observado no sepultamento estudado por nós, assim como nos exemplos apresentados por Prous e Schlobach (1997), caracterizando uma prática funerária semelhante àquela entre os grupos do tronco Tupi (Rizzardo, 2017), excetuando-se a presença de recipientes cerâmico usados ou produzidos para fins funerários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

130

A forma de documentação do sepultamento 3 considerou a tríade que compõe esse tipo de estrutura arqueológica (corpo, cova e acompanhamentos), e pode servir para a sua comparação com outras inumações similares no Vale do Catimbau e outras regiões, em períodos contemporâneos. Os estudos das práticas funerárias no Nordeste do Brasil que incluem a região de Buíque são raros e estão representados pelas publicações de Cisneiros (2004), Etchevarne (1999-2000), Nascimento et al., (1995-1996), Oliveira (2001, 2006), Solari et al., (2015, 2016), Solari e Silva (2017). A caracterização local e regional dessa forma de deposição funerária e a interpretação da mesma em relação ao sexo, idade, causa da morte, biodistância e afiliação sociocultural entre os grupos humanos durante o povoamento do continente americano nesse período constitui um problema de

duplo alcance, tanto na pesquisa básica, quanto na aplicada na pré-história do Nordeste.

Uma aproximação arqueotanatológica às características da deposição funerária na qual estava inserido o esqueleto do sepultamento 3 de Pedra do Cachorro, indicam enterramento em cova de formato piriforme, escavada entre camadas de cinzas e vegetais queimados pré-existentes e preenchida com sedimento mais superficial, arenoso. Suas paredes estavam revestidas de folhas e o corpo em posição vertical, sentado sobre os pés, com membros inferiores hiperfletidos, membros superiores entre e ao redor dos membros inferiores e cabeça sobre as articulações dos joelhos. Esta posição e o estado geral de articulação do esqueleto denotam uma deposição simples – sepultamento primário – com um único indivíduo. O corpo foi isolado do contato direto com o solo pelo uso de folhas que revestiram as paredes da cova. Não foi observado qualquer revestimento superior, considerando que devido ao tipo de substrato arenoso e solto da cova, esta havia sofrido colapso ou esmagamento.

Ao mesmo tempo, a reconstrução do perfil biológico –no caso do sepultamento 3- possibilitou caracterizar um indivíduo possivelmente do sexo masculino, jovem, com afecções dentárias que comprometiam a mastigação de alimentos duros ou fibrosos pela falta de oclusão dental. Todavia, os dados do perfil biológico mostraram-se imprecisos em relação à estimativa do sexo, considerando as medidas dos ossos longos apresentadas nos Gráficos 1 e 2 e no Quadro 4. As

séries estudadas ou empregadas por Bass (2005), Buikstra e Ubelaker (1994), Byers (2005), Krogman (1986), White e Folkens (2005), White, Black e Folkens (2012) possibilitam a comparação métrica para a estimativa do sexo feminino. Enquanto que a morfologia dos ossos dos quadris e do crânio são compatíveis com estimativa do sexo masculino. As remodelações dentárias e dos ossos maxilares caracterizaram-se pela severidade da extrusão dentária *antemortem*, perfuração de câmaras pulpares por desgaste e lesões cariosas, abscessos periapicais, perdas de coroas, desgastes anômalos oblíquos, perda de osso alveolar acentuada e perfuração do seio maxilar direito. Essas alterações possivelmente resultaram em dificuldades de mastigação de alimentos duros e fibrosos e em infecções na região bucal. Não foram observadas lesões traumáticas de qualquer natureza que tivessem deixado sinais de cicatrização ou infecção óssea ou sinais claros de doenças crônicas (metabólicas) ou anomalias que tivessem atingido os ossos e que pudessem auxiliar na interpretação da causa da morte.

132

Portanto, ainda são necessárias análises comparativas - com abordagem biomolecular - de dados dos perfis biológicos dos quatro indivíduos exumados no sítio Pedra do Cachorro, que viveram em períodos cronológicos distintos, entre - pelo menos- 3.560 a 760 anos AP, em conjunto com análises de outras populações pré-históricas geograficamente próximas para uma melhor compreensão das mudanças e permanências populacionais e sistemas de povoamento humano no Vale de Catimbau, região de Buíque, no interior de Pernambuco nos últimos milênios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUFDERHEIDE, A.C.; RODRÍGUEZ-MARTÍN, C. *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. United Kingdom: Cambridge Academic Press, 2006.

BARKER, P. *Techniques of Archaeological Excavation*. 3 ed. London: Routledge/Taylor&Francis Group, 2002.

BASS, W.M. *Human Osteology*. A laboratory and field manual. 5 ed. Columbia: Missouri Archaeological Society, 2005.

BROTHWELL, D.R. *Digging up Bones*. 3. ed. London: British Museum, Oxford University Press. 1981.

BUIKSTRA, J.E. Biocultural dimensions of archaeological study: a regional perspective. In. BLAKELY, R.L. (ed.) *Biocultural Adaptation in Prehistoric America*. Proceedings of the Southern Anthropological Society, 11, Athens: University of Georgia Press, p.67-84, 1977.

BUIKSTRA, J.E. Preface. In. BUIKSTRA, J. E.; BECK, L.A. (eds.). *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*. Burlington, MA:Elsevier Press, p. xvii-xx, 2006.

BUIKSTRA, J.E., UBELAKER, D.H. (eds.). *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*, Proceedings from a Seminar at the Field Museum of Natural History. Arkansas Archaeological Survey Research Series. Fayetteville:Arkansas Archaeological Survey. (44), 1994.

BYERS, S.N. *Introduction to Forensic Anthropology*. 3.ed. New York: Pearson, 2005.

CASSMAN, V.; ODEGAARD, N.; POWELL, J. (eds.) *Human Remains*. Guide for Museums and Academic Institutions. New York: Altamira Press. 2008.

CASTRO, V.M.C.; OLIVEIRA, C.A. de; SILVA, S. F.S. M. da; PEDROZA, I. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará. *Mneme* (Caicó. Online), v. 16, p. 201-227, 2015.

CÉSAR, J.V. Enterros, em urnas, dos tupi-guaranis. In: SCHADEN, E. (Org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. p. 26-51.

CISNEIROS, D.S. *Práticas Funerárias do nordeste do Brasil*. Recife Mestrado em História (área de concentração pre-história). Recife: Departamento de História/ UFPE, 2004.

COX, M.; MAYS, S. *Human Osteology in Archaeology and Forensic Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CRISTANTE, M.A.P. *Práticas Funerárias de Grupos de Línguas Tupi-Guarani: Análise de Contextos das Regiões do Paranapanema e Alto Paraná*. 2017. 370 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DI GANGI, E.A.; MOORE, M.K. *Research Methods in Human Skeletal Biology*. USA: Academic Press, 2013.

DUDAY, H. *The Archaeology of the Death*. Lectures in Archaeothanatology. Oxford and Oakville: Oxbow Books, 2009 a.

DUDAY, H. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeothanatology or the Archaeology of Death). In: GOWLAND, R.; KNÜSEL, C. (eds.) *Social archaeology of funerary remains*. Oxford, UK: Oxbow Books, p. 30-56, 2009 b.

DUPRAS, T.L.; SCHULTZ, J.J.; WHEELER, S.M.; WILLIAMS, L.J. *Forensic Recovery of Human Remains*. Archaeological Approaches. 2.ed. New York: CRC Press/Taylor&Francis Group, 2012.

ETCHEVARNE, C. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista da USP*, v.1, n. 44, dez./fev., p.112-41. 1999-2000.

GENOVÉS, S. Proportionality of the long bones and their relation to stature among mesoamericans. *American Journal of Physical Anthropology*. v.26, n.1, p. 67-77, 1967.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. *Unidades abertas à visitação: Parque Nacional do Catimbau*. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/732-parquenacional-do-catimbau>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

JATOBÁ, L. *Introdução a Geomorfologia*. Recife: Bagaço, 2003.

KROGMAN, W. M. *The Human Skeleton in Forensic Medicine*. 2 ed. Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1986.

LARSEN, C. S. *Bioarchaeology: Interpreting Behavior from the Human Skeleton*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

MANN, R.W.; HUNT, D.R. *Photografic Regional Atlas of Bone Disease*. Springfield: Charles C Thomas, 2005.

MARTIN, G. As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque – PE, no contexto da tradição Agreste. *CLIO, Série Arqueológica*, n. 18, p. 27-49. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005.

MAYS, S. *The Archaeology of Human Bones*. 2. Ed. London: Routledge, 2010.

MAZZA, B.; ACOSTA, A.; LOPONTE, D. Nuevos datos para las Inhumaciones en Urnas de Sitios Arqueológicos Guaraníes del Extremo Meridional de la Cuenca del Plata. *Revista Chilena de Antropología*, v. 34, n. 2, p. 81-96, 2016.

MEINDL, R.S; LOVEJOY, C.O. Ectocranial Suture Closure: A Revised Method for the Determination of Skeletal Age at Death Based on the Lateral-Anterior Sutures. *American Journal of Physical Anthropology*, n. 68, p. 57-66, 1985.

MOURA, I. P. da C.; SILVA, J. V.; MELLO, S. A. de; SANTOS JÚNIOR, W. G. dos. *Relatório de Escavação IV Campanha Arqueológica do Sítio Pedra do Cachorro, Buíque, PE*. Recife: Programa de Pós-Graduação de Arqueologia/UFPE, março, 2017 (Relatório não publicado, apresentado as disciplinas Técnicas de Pesquisa Arqueológica 1 e Tópico Especial em Arqueologia: Sistemas de Informações Geográficas Aplicados à Arqueologia, ministradas pelo professor Demétrio Mutzemberg, correspondendo como requisito de avaliação).

MÜLLER, L.M.; SOUZA, S.M. de. Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Editora Argos, 2011. p. 167-218.

NASCIMENTO, A; ALVES, C; LUNA, S. O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque - Pernambuco: Primeiros Resultados. *CLIO, Serie Arqueológica* Nº 11, Vol. 1. UFPE. Recife. 1995-1996.

OLIVEIRA, A.L.N. 2001. *O sítio arqueológico do Alcobaça: Buíque, Pernambuco*. Estudo das estruturas arqueológicas. 2001. 186 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, Recife, 2001.

OLIVEIRA, A.L.N. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no Vale do Catimbau - Buíque – PE. *CLIO, Série Arqueológica*, Recife: Editora Universitária UFPE, v. 2, n. 21, p. 05-39.,2006.

ORTNER, D.J. *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2. ed. Oxford: Academic Press. 2003.

PROUS, A.; SCHLOBACH, M.C. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu – MG. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, v.7, p.3-21, 1997.

RIZZARDO, F. *Sepultamentos dos mortos entre antigas populações do tronco Tupi: confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da América Latina, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

RIZZARDO, F.; SCHMITZ, P.I. Formas de sepultamento na tradição cerâmica Tupiguarani. *Revista Tecnologia e Ambiente, Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul*, Criciúma, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p.140-161, 2015.

SILVA MELLO, M G da. *Sistematização de critérios para diagnóstico diferencial entre paleopatologias e sinais de alterações análogas: fundamentos teórico-metodológicos*. Tese de doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 212pp. 1999.

SILVA, S.F.S.M. da. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo*, v. 15-16, p. 113-138, 2005-2006.

SILVA, S.F.S.M da; CALVO, J.B. Potencial de análise e interpretação das deposições mortuárias em arqueologia: perspectivas forenses. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo*, Universidade de São Paulo. 17: 469-491, 2007.

SILVA, S.F.S.M. da. *Arqueologia Funerária-Corpo, Cultura e Sociedade*. Recife: Editora da UFPE, 2014.

SOLARI, A.; SILVA, S.F.S.M. da; MELLO, S. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológicos de práticas mortuárias complexas em esqueleto humano coletado no abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. *CLIO, Série Arqueológica*, Recife: Editora Universitária UFPE, v. 30, n. 01, p. 92-119., 2015.

SOLARI, A; PEREIRA, A; ESPINOLA, C; MARTIN, G; COSTA, I; SILVA, S.F.S.M. da. Escavações arqueológicas no abrigo funerário Pedra do Cachorro, Buíque – PE. *CLIO, Série Arqueológica*, V31-N1, pp. 105-135, 2016.

SOLARI, A.; SILVA, S.F.S.M.da. Sepultamentos secundários com manipulações intencionais no Brasil: um estudo de caso no sítio arqueológico Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas*, Belém, v. 12, n. 1, p. 135-155, jan.-abr. 2017.

SPRAGUE, R. A. A suggested terminology and classification for burial description. *American Antiquity*, USA, v. 33, n. 4, p. 479-485, Oct. 1968.

SPRAGUE, R. *Burial Terminology*. A guide for researchers. New York: Altamira Press, 2005.

SUTHERLAND, T. Recording the Grave. In: FIORATO, V.; BOYLSTON, A.; KNÜSEL, C. (Eds.) *Blood Red Roses*. The archaeology of a mass grave from the Battle of Towton AD 1461. Oxford, UK: Oxbow Books, Capítulo 4, p. 36-44, 2007

TULLER, H.; HOFMEISTER, U.; DALEY, S. Spatial analysis of mass grave mapping data to assist in the reassociation of disarticulated and commingled human remains. In: ADAMS, B. J.; BYRD, J. E. (Eds.). *Recovery, analysis, and identification of commingled human remains*. New York: Humana Press, p. 7-29, 2008.

UBELAKER, D.H. *Human Skeletal Remains. Excavation, Analysis, Interpretation*. Manuals on Archeology 2. Washington: Taraxacum, 1984.

WHITE, T. D., BLACK, M. T.; FOLKENS, P. A. *Human Osteology*. 3. ed. London: Elsevier/Academic Press. 2012.

WHITE, T.D. *Human Osteology*. California: Academic Press, 2000.

WHITE, T; FOLKENS, P.A. *The Human Bone Manual*. London/San Diego: Elsevier Academic Press, 2005.